

UBC premia Rita Lee e Roberto de Carvalho pela obra

PÁGINA 5



As ideias do imortal Ailton Krenak no palco

PÁGINA 6



O olhar analógico de Antonio Ausgusto Fontes

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação



Malu Mader e Marcos Breda em 'Feliz Ano Velho', produção de 1988, que volta às telas nesta semana em meio ao culto ao escritor Marcelo Rubens Paiva, autor de 'Ainda Estou Aqui', que inspirou Walter Salles

No embalo do sucesso de 'Ainda Estou Aqui', o longa 'Feliz Ano Velho', baseado na prosa do escritor, volta aos cinemas com cópias restauradas

NOVOS HOLOFOTES PARA MARCELO RUBENS PAIVA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Inventário audiovisual de cicatrizes morais e afetivas da juventude que adoleceu e ficou adulta em plena ditadura, "Feliz Ano Velho" (1988), dirigido por Roberto Gervitz, volta às telas nesta quinta-feira, remasterizado e restaurado, num momento de apogeu do escritor que o inspirou: Marcelo Rubens Paiva.

Laureado com um balde de Kikitos no Festival de Gramado, o filme tem como pavimento o livro homônimo publicado em 1982 pelo romancista, que hoje ganha novos holofotes graças ao êxito – nas livrarias e sobretudo nas telas – de "Ainda Estou Aqui". O maior sucesso brasileiro de bilheteria do ano – premiado com a laurea de melhor roteiro no Festival de Veneza e cotado para o Oscar – nasceu das recordações literárias de Marcelo sobre a luta de sua mãe, a advogada e ativista Eunice Paiva (1932-2018).

Numa das seqüências do blockbuster de Walter Salles, Marcelo (vividido por Antonio Saboia) aparece cadeirante e assina um exemplar de "Feliz Ano Velho" para uma leitora. Nesse marco da prosa nacional, ele espelha o acidente que o manteve numa cadeira de rodas. É desse relato que Gervitz partiu para rodar o drama geracional que celebrizou seu nome.

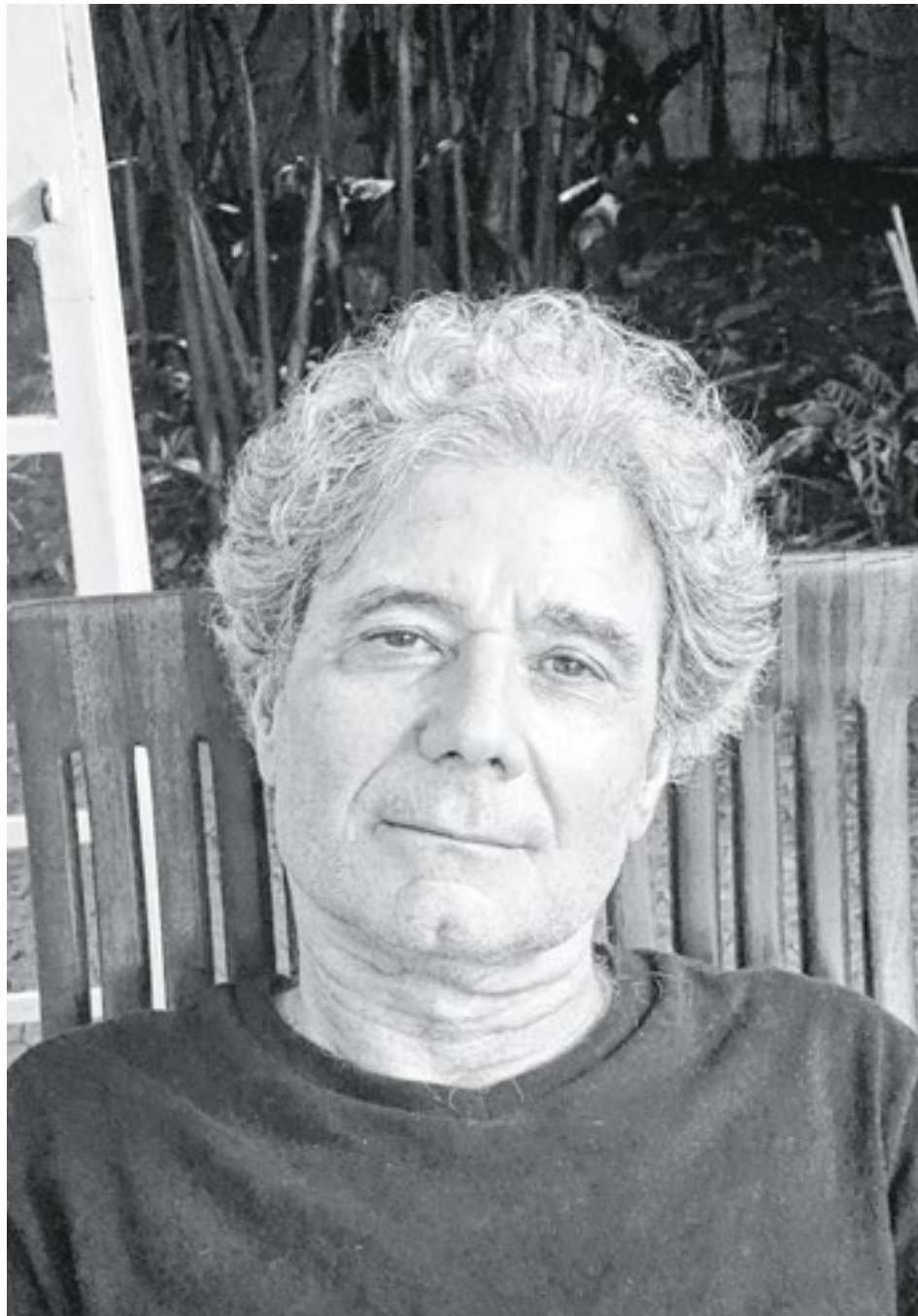
Seu protagonista, Mário (Marcos Breda), de 17 anos, mergulha num lago, bate a cabeça e fica tetraplégico. A paralisia o coloca diante da imobilidade existencial. Seu medo de seguir agrilhoa sua cabeça num passado em que o Brasil foi governado por generais de farda verde oliva. Aparentemente abandonado pelo próprio corpo, o rapaz tenta recompor os cacos e aprende a seguir adiante.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / ROBERTO GERVITZ, CINEASTA

‘As estruturas repressivas também ainda estão aqui’

Divulgação



Roberto Gervitz, cineasta

Roberto Gervitz conta que cuidou com carinho de pai da digitalização de “Feliz Ano Velho”, que inaugura nesta quinta-feira (5) a sala 9 do multiplex Cinesystem do Shopping Frei Caneca, em São Paulo - um espaço 100% dedicada a títulos nacionais. Estreia também em outras salas da rede, no Shopping Bourbon (SP), em Botafogo (no Rio) e no Casa Park (em Brasília). Na entrevista a seguir, Gervitz, que dirigiu também o primoroso “Jogo Subterrâneo” (2005), fala ao Correio da Manhã de uma narrativa a ser revista à luz da saudade.

O que mais te encantou na prosa do “Feliz Ano Velho” à época de sua publicação e de que maneira o filme dialogou com anseios da sua geração?

Roberto Gervitz: Sua coloquialidade inaugurava uma nova literatura autobiográfica brasileira escrita por jovens. Nessa tendência também se destaca “Morangos Mofados”, de Caio Fernando de Abreu. O livro me encantou por uma narrativa cheia de vida e de associações livres, pelas passagens ágeis entre o passado e o presente, evocando experiências e um universo comum entre os jovens de classe média de nossa geração. No presente do Marcelo tudo estava em aberto em meio à dura luta por ganhar autonomia com a sua nova condição. A franqueza e o resgate erótico das “transadas”, como se falava na época, bateu com força em nossa geração. Mesmo com experiências distintas as pessoas se reconheciam naquela linguagem jovem. O livro transpirava uma forte pulsão de vida, uma fome de viver, como um resgate necessário para o Marcelo que atravessava um momento de morte e renascimento. O que me marcou mesmo e me levou a fazer o filme, foi a dimensão metafórica da imobilidade e do mergulho que redireciona a vida do Marcelo, não como uma vítima mas como uma pessoa responsável por suas escolhas. Eu quis refletir sobre a imobilidade como fruto do medo de viver em meio a um mundo que ficava para trás e outro que mal se anunciava e ameaçava.

O que o êxito popular do filme “Ainda Estou Aqui” – e, com ele o novo gás para a prosa de Marcelo - te desperta em relação a seu histórico com aquela literatura profissional?

“Ainda Estou Aqui” é um livro esplêndido que resultou em um filme esplêndido... e emocionante... de um cineasta maduro e talentoso, a quem admiro. Quanto ao livro do Marcelo, eu o considero o seu melhor livro

até aqui. Creio que Marcelo tem um grande poder de observação, mas ele vai muito além da descrição. Ele transforma o que observou em linguagem. Afirmar que um livro é cinematográfico é quase sempre um engodo.

“Feliz Ano Velho” me deu muito trabalho para roteirizar e estruturar, ainda mais por minha inexperiência, e quando li “Ainda Estou Aqui”, eu me perguntei quais seriam os caminhos para escrever um roteiro a partir

daqueles materiais que o livro oferecia. Todos seriam muito trabalhosos e desafiadores. Seu roteirista mostraram enorme talento, fizeram as melhores escolhas.

Que Brasil está retratado em “Feliz Ano Velho” e para que Brasil ele falou em sua estreia?

Era um Brasil que saía da ditadura, que tinha vivido as grandes mobilizações estudantis do final dos anos 1970, as grandes greves metalúrgicas, o movimento Diretas Já. Apesar da grave crise econômica, havia uma euforia com a capacidade da sociedade civil lutar pelos seus direitos. Surgiu um partido político formado pela mobilização operária e popular que representava importantes setores que queriam uma sociedade democrática com justiça social. Mas... e sempre tem um mas, o primeiro presidente da dita Nova República era um representante do passado recente da ditadura. Isso era um sinal de algo que estava subjacente à superfície, e se revelou plenamente nos últimos 40 anos. As estruturas repressivas também ainda estão aqui. Na década de 1980, o mundo entra definitivamente no neoliberalismo e assiste à ascensão do yuppismo, ou seja, era uma sociedade onde conviviam fortes tendências culturais, políticas e sociais que caminhavam em sentidos opostos. Eu creio que muita gente se iludiu com um futuro imaginado e desejado. Descobrimos a duras penas que as estruturas para que as coisas não mudem são muito poderosas e seguem intactas.

Quais são seus atuais projetos na direção?

Estou preparando um roteiro de um documentário que vou codirigir com Jorge Bodanzky que ainda só tem um título provisório. Há uma ficção que desejo filmar que mexe com a guerrilha latino-americana e se intitula “Yaguar”. Eu adaptei para o cinema “A República das Milícias”, do livro de Bruno Paes Manso. Apesar de todos esses projetos, a viabilização de filmes no Brasil nunca esteve tão difícil.

Lista da discórdia... e de 'Misericórdia'

Divulgação



Revelado aos europeus em Cannes, 'Misericórdia' foi eleito o filme do ano pela prestigiosa Cahiers du Cinéma

Divulgação



Alain Guiraudie: 'No cinema, como na vida, o inesperado nos tira da inércia'

"Cahiers".

Em sua trama, Jérémie (Félix Kysyk) volta à sua cidade natal para o funeral do seu primeiro patrão, o padeiro do vilarejo. Ao chegar, decide permanecer por mais algum tempo ao lado da viúva, Martine (Catherine Frot). Essa presença, no entanto, acaba perturbando o ambiente ao criar uma desavença com o filho da mulher, Vincent (Jean-Baptiste Durand). Um misterioso desaparecimento, um vizinho ameaçador e o padre local com estranhas in-

tenções fazem a estadia de Jérémie tomar um rumo inesperado... e infernal.

"Quis fazer um filme que se ambientasse no outono, com as folhas caindo, com o assobio do vento e a chuva como balizas naturais de um vilarejo que mudou pouco dos anos 1970 até hoje, onde construo a história de solidões que se esbarram", disse Guiraudie ao Correio da Manhã em Cannes.

"Já ouvi algumas analogias entre a trama e a literatura da Patricia Highsmith (diva da prosa policial), mas nunca li seus livros. Deveria. Penso essa narrativa mais como um estudo sobre o perdão, sobre o exercício da dita 'misericórdia' do título, sendo que o padre é meu personagem favorito, por estar ligado à tradição, mas também ao desejo".

Premiação

Em 2013, ano em que ganhou retrospectiva no Festival do Rio, Guiraudie encabeçou o Top 10 da "Cahiers" com "Um Estranho No Lago", com o qual conquistou a láurea de Melhor Direção em Cannes, na mostra Un Certain Regard. Aos 60 anos, ele começou sua carreira em 1990, com o curta "Les Héros Sont Immortels", e engatou uma trajetória de prestígio no universo queer. "No cinema, como na vida, o inesperado nos tira da inércia", defende o diretor.

Entre os nove títulos que acompanham "Misericórdia" na preferência da "Cahiers", há um com chances reais de disputar o Oscar, e em várias frentes: o indiano "Tudo O Que Imaginamos Como Luz" ("All We Imagine As Light"), que rendeu à diretora Payal Kapadia o Grande Prêmio do Júri de Cannes.

OS 10 MELHORES FILMES DE 2024 PARA A CAHIERS DU CINÉMA

1. "Misericórdia", de Alain Guiraudie (França)
2. "Segredos de um Escândalo" ("May December"), de Todd Haynes (EUA)
3. "Na Água" ("In Water"), de Hong Sang Soo (Coreia do Sul)
4. "Zona de Interesse" ("Zone of Interest"), de Jonathan Glazer (Reino Unido)
5. "Tudo Que Imaginamos Como Luz" ("All We Imagine As Light"), de Kayaal Kapadia (Índia)
6. "Os Delinquentes" ("Los Delincuentes"), de Rodrigo Moreno (Argentina)
7. "O Mal Não Existe" ("Evil Does Not Exist"), de Ryusuke Hamaguchi (Japão)
8. "Esta Minha Vida" ("Ma Vie Ma Guelle"), de Sophie Fillières (França)
9. "Armadilha" ("Trap"), de M. Night Shyamalan (EUA)
10. "Volveréis", de Jonás Trueba (Espanha)

Thriller de Alain Guiraudie encabeça a votação dos melhores filmes do ano da revista 'Cahiers du Cinéma', bíblia cinéfila fundada em 1951

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Listas de aposta que circundam a temporada de premiações em torno do Oscar falam em "O Quarto ao Lado", "Wicked", "Anora", "O Brutalista", "O Completo Desconhecido" e "Ainda Estou Aqui" (do Brasil) como os títulos de maior destaque de 2024 aos olhos de Hollywood, embora nenhum deles tenha aparecido na mais polêmica das listas cinéfilas da cultura audiovisual: o Top Ten anual da "Cahiers du Cinéma". Nem todos os filmes supracitados estrearam em circuito na França, pátria natal da revista fundada em 1951 e considerada a Bíblia Sagrada do saber cinéfilo, mas "Misericórdia", de Alain Guiraudie, já, e liderou a enquete da publicação. Ganhou, segundo eles, o status de "Filme do Ano".

O posto foi ocupado em anos recentes por "First Cow", da americana Kelly Reichardt (em 2021); "Pacifiction, do catalão Albert Serra (em 2022); e por "Trenque Lauquen", da argentina Laura Citarella (em 2023). O thriller dirigido por Guiraudie fez sua estreia mundial em maio, na seção (não competitiva) Première do Festival de Cannes, e passou pela Mostra de São Paulo, em outubro, ao mesmo tempo em que estreou nas salas de projeção de Paris, Nice, Marselha e arredores.

Teve uma bilheteria modesta lá (207 mil pagantes) e não ganhou prêmios em mostras classe AA, embora tenha abocanhado a láurea de melhor roteiro no Festival de Valladolid, na Espanha. Mesmo assim, arrebatou a

CORREIO CULTURAL



CM

Sergio da Costa e Silva, diretor do Música no Museu

Música no Museu vai fechar 2024 com 230 concertos gratuitos

Encerrando a comemoração dos 27 anos de atividades e a temporada 2024, o projeto Música no Museu promove neste mês 16 concertos enfatizando as músicas natalinas mesclando várias formações desde coros, orquestras mas também cordas, vozes e pianos. O projeto idealizado por Sérgio da Costa e Silva che-

ga ao expressivo número de 230 concertos gratuitos em 2024, incluídos o XIX RioHarpFestival e o VI SPHarpFestival, entre julho e outubro, e o XIV RioWindsFestival em novembro. “Homenagearemos o centenário do Professor Homero Magalhães e do grande Nivaldo Ornellas com programas especiais”, diz Sérgio.

Premiação

Terminou no último fim de semana, no ABC paulista, o 2º Festival de Cinema de São Bernardo do Campo, realizado no icônico pavilhão que abrigou a antiga Companhia Cinematográfica Vera Cruz, considerada a “Hollywood brasileira”.

Premiação III

O destaque entre os longas foi o “Levante”, de Lillah Halla, que venceu melhor filme, direção, atriz (Ayomi Domenica) e caracterização. “Mallandro, O Errado Que Deu Certo”, de Marco Antonio de Carvalho, ganhou o prêmio do júri popular.

Premiação II

Na ocasião foram anunciados os vencedores das mostras competitivas do evento e homenagens. O troféu Mazzaropi foi entregue a Mathheus Nachtergaele. Além do intérprete de João Grilo, Tony Tornado também recebeu a honraria.

Premiação IV

Entre os curtas de ficção nacional, “Cida tem Duas Sílabas”, de Giovanna Peixoto, levou as estatuetas de melhor filme e roteiro. Já “Mice-lial - Raízes em Conexão”, de Sylvia Sanchez, conquistou o prêmio de melhor curta documental.

Divulgação



Deficiente visual, Amanda Mitz defende que a música seja uma arte inclusiva para todas as pessoas

Música para todos os sentidos

Amanda Mitz proporciona experiência imersiva em seu projeto ‘Libras Dance’, que une música e tecnologia inclusiva

Artista de música pop e precursora em trazer acessibilidade para a música, a cantora, compositora e produtora musical Amanda Mitz é uma pessoa com deficiência visual e, desde que se empoderou disso, tornou essa sua bandeira. A artista apresenta nesta quarta e quinta-feira (4 e 5), no Solar Botafogo, o projeto “Libras Dance”, uma pesquisa colaborativa entre ela, uma performer surda, uma coreógrafa e dançarina e uma intérprete de Libras ouvinte. O espetáculo contempla ainda uma instalação artística inclusiva e sensorial.

“Libras Dance” nasceu do desejo de Amanda em unir sua música (pop eletrônico com influências de house e anos 1980), à beleza e expressividade da Língua Brasileira de Sinais. Para apresentar o resulta-

do da pesquisa, que envolve também gravações em áudio e vídeo, a proposta contempla uma instalação multi-sensorial: Uma projeção de conceito arte pop, que combina visualmente a música com uma coreografia de movimentos de Libras. Os visitantes serão convidados a vestir coletes especialmente projetados para vibrarem em sincronia com a música, permitindo que eles sintam a batida e a energia das músicas através dos movimentos de dança e da vibração dos coletes.

“A ideia de fazer essa pesquisa nasceu a partir da convivência com diferentes performers surdos com quem trabalhei nos meus shows. Meu desejo é que a comunidade surda tenha uma nova forma de vivenciar a música e que essa forma seja compartilhada com todas as pessoas. O acesso à música é um

direito de todos”, defende a artista.

“Quando a Amanda me apresentou a ideia da pesquisa, no mesmo momento imaginei a experiência. Acho fundamental para a convivência humana apresentar projetos e soluções inclusivas. Fazer isso por meio da arte é um presente. A experiência da instalação é também um holofote para que as pessoas vivenciem, comentem e cobrem mais editais e leis que permitam a realização deste e de outros projetos revolucionários no campo da acessibilidade”, comenta Thais Bernardini, diretora do projeto.

A data escolhida para a experiência não foi escolhida em vão: em 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou o 3 de dezembro como o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. O objetivo da ONU é que todos os países membros comemorem a data, gerando conscientização, compromisso e ações que promovam os direitos das pessoas com deficiência.

As linguagens já usadas, que serão aprofundadas na pesquisa são: a música de Amanda com mixagem em 3D, libras aplicada com dança (libras dance), auto descrição e áudio descrição, projeções e iluminação em 3D, mochilas vibratórias para surdos e aromas que estimulam nossos sentidos.

Seu primeiro álbum autoral, “Acesso”, lançado através do edital Natura Musical, ganhou novos contornos com o lançamento do “Acesso Ao vivo”, um audiovisual com novas técnicas de acessibilidade e o minidoc “O Acesso é Livre”.

Em 2022 fez uma turnê de onze shows pelo estado de SP pelo edital “Proac Circulação”. Já em 2023, fez sua estreia como atriz na novela “Todas as Flores” (Globoplay).

SERVIÇO

AMANDA MITZ | LIBRAS DANCE - A EXPERIÊNCIA Solar de Botafogo (Rua Gen. Polidoro, 180)
4/12, das 17h às 21h*
5/12, das 13h às 21h*
*Sessões de 10 minutos limitadas a oito pessoas
Entrada franca
INGRESSOS: Entrada franca

Rita Lee e Roberto de Carvalho, o casal hitmaker, é celebrado por compositores

Autora de 146 canções registradas, dupla é a vencedora da edição 2024 do Prêmio UBC, da União Brasileira de Compositores

“Me cansei de lero-lero / Dá licença, mas eu vou sair do sério”.

Ícones da música brasileira, Rita Lee e Roberto de Carvalho são os vencedores da oitava edição do Prêmio UBC, criado pela União Brasileira de Compositores. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a dupla – parceira na música e na vida – acumula 146 composições registradas e dezenas de sucessos incontestáveis na MPB.

Em uma edição especial, pela primeira vez, o Prêmio será concedido a dois artistas, sendo uma delas ‘in memoriam’ (Rita Lee 1947–2023). Este ano, o evento acontecerá também em local inédito, o Teatro B32, em São Paulo, nesta quarta-feira (4).

A União Brasileira de Compositores, maior sociedade de gestão coletiva de direitos autorais do país, criou o Prêmio UBC em 2017. Na estreia, o homenageado foi Gilberto Gil. Nos anos seguintes, Erasmo Carlos, Milton Nascimento, Herbert Vianna, Djavan, Alceu Valença e



Acervo pessoal Roberto de Carvalho



Paulo Vasconcelos/Divulgação

Rita Lee e Roberto de Carvalho em dois tempos: no auge do sucesso (ao lado) e no sítio onde a cantora e compositora viveu seus últimos anos

Caetano Veloso. Agora, a honraria segue em boas mãos.

“A edição especial do Prêmio UBC, em seu oitavo ano, sai da Casa UBC pela primeira vez para aterrissar em São Paulo e reconhecer a gigantesca transcendência da obra de Rita Lee e Roberto de Carvalho. Uma dupla rara de compositores cujo trabalho conjunto faz parte da vida de todos os brasileiros e influencia o rock e a MPB de maneira definitiva e particular. É uma honra para a UBC, sua diretoria e mais de 70 mil titulares de todo o Brasil anunciar esta justa homenagem”, afirma Marcelo Castello Branco, diretor-execu-

tivo da UBC.

Rita e Roberto trouxeram para a música os sentimentos e a intimidade do casal, que viveu junto por 47 anos, criando um vasto repertório de hits, incluindo “Mania de Você”, “Flagra”, “Papai Me Empresta o Carro”, “Lança Perfume”, “Chega Mais”, “Cor de Rosa Choque” e “Desculpe o Auê”. A dupla fez sucesso no Brasil e mundo afora. O segundo disco de Rita Lee e Roberto de Carvalho (1980) bateu recordes internacionais com a música “Lança Perfume”, que conquistou 7º lugar na parada Billboard. Rita e Roberto formaram uma das mais longas parcerias musicais da música brasileira. Ao todo, os dois lançaram juntos cinco álbuns: “Rita Lee e Roberto de Carvalho”(1982), “Bombom” (1983), “Rita e Roberto” (1985), “Flerte Fatal”(1987) e “Rita Lee & Roberto de Carvalho - Perto do Fogo”(1990).

“O legado destes inspirados e inspiradores arquitetos da música brasileira é dos mais preciosos e será uma honra para nós da UBC celebrá-los. Este ano, excepcionalmente, mas com imensa alegria, pela primeira vez, o Prêmio UBC acontecerá em São Paulo. O coração já bate forte, pois o nosso respeito, amor e admiração Rita e Roberto é imenso e imensurável. Viva Rita e Roberto, para sempre!”, destaca Paula Lima, presidente da UBC.

Cerimônia tem roteiro de Nelson Motta e shows de artistas como Pitty, Fernanda Abreu, Léo Jaime, Zé Ibarra e Paula Lima. A direção artística é de Beto Lee, filho de Rita e Roberto, e contará com a banda de Rita Lee. Em um show inédito até para o próprio Roberto, junto a convidados, artistas e personagens que marcarão a trajetória da dupla, grandes nomes da música brasileira, de diversas gerações, irão interpretar ao vivo versões inéditas de Rita e Roberto.

Entre as apresentações, Fernanda Abreu dará sua interpretação a “Saúde”, enquanto Pitty trará sua assinatura rock para “On The Rocks”. Carol Biazin emprestará sua voz a “Amor e Sexo”, Zé Ibarra revisitará o clássico “Mania de Você” e Kell Smith interpretará “Vírus do Amor”.

Paula Lima dará voz a “Nem Luxo, Nem Lixo”, Chico Brown interpretará “Caso Sério” e Léo Jaime cantará “Flagra”.

A cerimônia tem roteiro assinado por Nelson Motta. Como apresentador, Simoninha comandará a noite cheia de homenagens e surpresas à dupla de compositores. O evento terá direção artística de Otávio Juliano, responsável por espetáculos como a turnê Titãs Encontro.

A necessidade de encarnar o sonho

Divulgação



Nascido em Cacoal (RO), Yumo faz das reflexões de Krenak ferramenta para repensar sua ancestralidade

Ideário de Ailton Krenak chega ao teatro com 'Ideias para Adiar o Fim do Mundo'

Em tempos de crise climática fica claro que a humanidade não soube se relacionar com o planeta, não soube explorar suas potencialidades de maneira equilibrada. Falta ouvir os ensinamentos das sociedades indígenas. Mas quem sabe ainda existe uma esperança. Pela primeira vez no teatro, "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" perpassa obras, falas, o pensamento e a trajetória do líder indígena Ailton Krenak.

Após meses de processo colaborativo, a dramaturgia de João Bernardo Caldeira e de Yumo Apurinã, diretor artístico e protagonista do espetáculo, investiga as raízes da colonização que, como aponta Krenak, segue em curso, produzindo extermínio, etnocídio, devastação ambiental, expropriação de terras e tragédia climática, por meio de tiro, fogo, bíblia, soja, boi, estrada e cimento. A peça está

em cartaz no Futuros – Arte e Tecnologia, no Flamengo.

Para tratar desse Brasil que ignorou os direitos dos povos originários até a Constituição de 1988, o espetáculo enfoca a trajetória de vida de Yumo Apurinã, há seis anos radicado no Rio. Este indígena do povo Apurinã, nascido na Aldeia Mawanaty, no território Cinta Larga, em Rondônia, conhece o teatro ao frequentar a Igreja e decide ser ator. Em conflito com as ideias de pecado e de expulsão do paraíso, que separa humanidade e natureza, ele confronta o cristianismo em busca de sua ancestralidade, solapada pelos processos coloniais.

"Eu não sei a minha língua", constata, atônito. Sob memórias de massacre, desmatamento e evangelização, a pergunta fundamental do best-seller de Krenak é então colocada: "Somos mesmo uma humanidade?"

Ao investigar os costumes e o passado de seu povo, o Demiurgo Tsurá, o ritual Xingané, o poder de cura dos Kusanaty (pajés), esse indígena vasculha a si mesmo, enquanto desvela o etnocídio, a expropriação de terras e o sistemático aniquilamento do povo indígena e de seus direitos, inclusive em todas as constituições até a de 1988.

Em cena, esse corpo racializado pela so-

cidade, que lhe imputa a pecha de "índio", vasculha os estereótipos, enquadramentos e racismos vivenciados inclusive em sua carreira como ator. É na escola que Yumo descobre que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e escuta dos colegas: "Você é índio de verdade? Você come carne de macaco?". Com frequência, suas personagens usam roupas rasgadas, não possuem família, usam cocar ou têm os pés descalços.

"Sou fruto de histórias de sobrevivência. Nasci e cresci num mundo já cristão. A minha referência de força espiritual é estar ajoelhado, abrir mão dos meus desejos e renunciar a minha vida. Quando me dei conta disso, foi assustador. Eu não sou contemplado por esse pacote de vivência dolorida que a bíblia oferece", afirma Yumo. "Prefiro acreditar no encantamento desta vida do que numa vida eterna no paraíso ou no inferno."

"Durante o processo de ensaios, Yumo decidiu que, a partir das palavras de Krenak, ele precisava contar a sua história e compartilhar conosco a sua própria busca", conta João Bernardo, diretor, idealizador, produtor e autor do texto do espetáculo, ao lado de Yumo. Ao constelar as trajetórias de Yumo e Krenak, "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo" nos descortina os procedimentos visíveis ou menos

evidentes da sistemática violentação sofrida pelas populações indígenas ainda hoje. "A colonização ainda está acontecendo", diz. "O racismo, o sexismo, a expropriação de terras e a monocultura ainda formam os pilares da sustentação socioeconômica deste país".

Neste contexto desolador, o ator-personagem, num trabalho de atuação voltado para as ações psicofísicas, partilha com o espectador sua caça a si mesmo. Será que adiar o fim do mundo é adiar o seu próprio fim? De onde podemos encontrar os nossos paraquedas coloridos e evitar a queda do céu, ideias imprescindíveis das culturas originárias? Como nos mobilizar e nos envolvermos diante de cenários distópicos e aterrorizantes?

"Quando escuto Krenak, sei que estou ouvindo muitas outras vozes de sábios e parentes. Ailton é um porta-voz que representa mais de 300 etnias, como disse em seu discurso de posse na ABL (Academia Brasileira de Letras). Quando eu me apresento num palco, minha mãe, meu pai e meus antepassados estão ali, nunca estamos sozinhos. Se minha memória está viva, a deles também", reflete Yumo. "A intenção deste espetáculo é buscar um caminho consciente de transformação interior. Enquanto o teatro puder me fazer existir, é com ele que vou continuar sonhando e suspendendo o meu céu. O teatro é sagrado. Viver é sagrado", completa o ator.

O diretor endossa a fala de Yumo e complementa: "Quem sabe, neste momento em que as tragédias ambientais ficam cada vez mais escandalosas, possamos ampliar a nossa escuta para outras formas de envolvimento com a terra e os povos da floresta. O teatro pode ser mais um dispositivo a convocar saberes que foram adormecidos, de comunhão, luta, partilha e festa".

"Antes de escutar e encarnar o que um sonhador de mundos que Ailton Krenak é, eu tive que sonhar. É necessário encarnar o sonho. Eu acredito que encarnei, por isso que escutei. Muita gente não sabe escutar. Porque a cidade é barulhenta. Quando dormimos, vamos dormir com o barulho da cidade e do trabalho. O encanto é preciso. A poesia da vida é precisa. Se não, a morte nos encontra. E ela pode nos encontrar morto ou vivo. Quando a morte chegar até mim, que ela me encontre vivo", finaliza Yumo.

SERVIÇO

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Futuro - Artes e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)

Até 22/12, de quinta a domingo (20h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Na pele de Zaratrusta, Amir Haddad e o Tá Na Rua dialogam com Nietzsche

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

“Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. / Não vos aconselho a paz, mas a vitória! / Seja o vosso trabalho uma luta! / Seja a vossa paz uma vitória!”

Comemorando 67 anos de carreira e 87 anos de vida, o ator e diretor Amir Haddad volta ao Teatro Rival Petrobras com o Grupo Tá Na Rua, encenando o espetáculo “Zaratrusta: uma Transvaloração dos Valores” em apresentação única nesta quarta-feira (4). A peça, ambientada em uma praça da Idade Média, encena o prólogo do livro “Assim falava Zaratrusta” com outros trechos do livro, mas não deixa de trazer a fala de Amir Haddad para a cena.

“Grande astro! Que seria da tua felicidade se te faltassem aqueles a quem iluminas? Faz dez anos que te abeirias da minha caverna, e, sem mim, sem a minha águia e a minha serpente, haver-te-ias cansado da luz e deste caminho. [...] Pois bem: já estou tão enfadado da minha sabedoria, como a abelha que acumulasse demasiado mel. Necessito mãos que se estendam para mim.” Essa é a abertura de Zaratrusta.

“Assim falou Zaratrusta: Um Livro Para Todos e Para Ninguém” (em alemão: Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen) foi escrito entre 1883 e 1885 pelo pensador alemão Friedrich Nietzsche. Suas narrativas (pois é construído de episódios) tratam das andanças e ensinamentos de um filósofo, que se autoneomeou Zaratrusta após a fundação do Zoroastrismo na antiga Pérsia. Para explo-



Amir Haddad e o grupo Tá na Rua em ‘Zaratrusta: Uma Transvaloração de Valores’

Liberdade, abra as asas sobre nós...

rar muitas das ideias de Nietzsche, o livro usa uma forma poética e fictícia, frequentemente satirizando o Velho e o Novo Testamento

O espetáculo nasceu da relação de Haddad com o personagem Zaratrusta, criado por Nietzsche. A necessidade de uma vida ousada e corajosa, de um humano forte com os pés fincados na terra, capaz de realizar os mais altos voos, capaz de potencializar perdas e dores em ação, em criação, é o que caracteriza tanto as afirmações do Zaratrusta de Nietzsche quanto do trabalho e da vida do ator e diretor Amir Haddad com seu Grupo Tá Na Rua.

Amir se aproxima da filósofa Vivianne Mosé para, juntos, criarem uma dramaturgia que confirme a principal crença do diretor: “Nós só acreditamos em um Deus que dança!”. Da dança, da

encenação, da direção de Máximo Cutrim, o Tá na Rua consegue conciliar, nesse espetáculo, teatro, filosofia e existencialismo para falar dos valores contemporâneos que tratam do instante, do post na redes sociais que devem apresentar esse sujeito com uma vida ousada e corajosa, e de um ser humano forte com os pés fincados na terra, capaz de realizar os mais altos voos.

A afirmação de uma postura diante da vida que assume em seus diversos aspectos – inclusive na dor, na perda – acompanhada da capacidade de potencializar esta perda em ação, em criação, é o que caracteriza tanto as afirmações do Zaratrusta de Nietzsche quanto do trabalho e da vida de Amir Haddad com seu Grupo Tá Na Rua.

O Tá Na Rua foi fundado na década de 1980 por Amir Haddad, junto a um coletivo de atrizes

e atores inquietos, que buscaram nos espaços abertos uma resposta a todas as repressões. Nasce com essa pesquisa o conceito de Arte Pública, entendendo a arte como o fator social que organiza o mundo.

Amir Haddad é a história viva do teatro brasileiro. Com José Celso Martinez Corrêa, Renato Borghi e outros criou em 1958 o Teatro Oficina — ainda em atividade com o nome de Uzyna Uzona. O diretor vai do experimentalismo ao clássico, já montando textos de Shakespeare e dirigindo shows de Ney Matogrosso e Beto Guedes, além de atuar em novelas e séries. Emfim, um profeta da liberdade em todos os campos da arte.

Ao encenar Zaratrusta, Amir contracenava com o próprio Nietzsche, interpretado por Viviane Mosé. Nietzsche faz nessa obra uma crítica feroz do Ocidente no

final do Século 18. Tal qual o Tá na Rua, o grito contra a hipocrisia, com a negação das instituições é a fala de Zaratrusta que permeia as instituições.

Amir e o Tá na Rua procuram fazer com que a plateia tenha algo mais do que a fruição, reflexão. A busca são os laços, as parcerias com os espectadores para que eles vejam a importância da liberdade do sujeito, da alma, para que assumam as suas individualidades e permitam que bom e velho conceito do livre arbítrio nos ilumine.

SERVIÇO

ZARATRUSTA: UMA TRANSVALORAÇÃO DE VALORES

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33) | 4/12, às 19h30 | Ingressos entre R\$ 35 e R\$ 80



Fotos Antonio Augusto Fontes



Um olhar analógico

Fotógrafo que não abre mão da técnica tradicional e das imagens em P&B, Antonio Augusto Fontes expõe seus trabalhos na Galeria da Gávea



Um dos mais atuantes fotógrafos brasileiros com carreira consolidada a partir dos anos 1980, autor da série icônica Raso da Catarina, produzida no sertão da Bahia, o paraibano Antonio Augusto Fontes apresenta seus trabalhos na Galeria da Gávea. Com curadoria de João Farkas, a mostra “Assim é se lhe Parece” tem cerca de 60 imagens, que abrangem diversos aspectos de uma produção igualmente rica nos variados temas que retratou e no apuro técnico do fotógrafo, um entusiasta do preto e branco que se manteve fiel à fotografia analógica.

“O que estamos fazendo nesta exposição é nos voltar para o Antonio Augusto com um olhar retrospectivo e definitivo no seguinte aspecto: o que ele tem nos apresentado, o

que é o seu olhar sobre o mundo?” diz Farkas. “Não estou falando do que já foi visto e publicado, não é isto. É aquilo que chama atenção hoje pela sua característica de um olhar pessoal sobre o mundo, mostrar a visão do Antonio Augusto para a linguagem fotográfica.”

Além de exemplares da série Raso da Catarina e de seu desdobramento, Sertão ao Quadrado, a exposição reúne trabalhos feitos em três países: Estados Unidos, onde residiu por alguns anos na década de 1970 para estudar fotografia, antropologia e história da arte, registrando a contracultura e os protes-



A mostra ‘Assim é se lhe Parece’ reúne obras que reforçam a visão única do fotógrafo, leal até hoje ao método analógico



tos contra a Guerra do Vietnã; França, para onde viajou depois de ganhar o prêmio Eugène Atget, com a missão, junto a fotógrafos de outros países, de retratar Paris através do olhar estrangeiro (“um verdadeiro desafio na que é provavelmente a cidade mais bem fotografada do mundo”, diz ele); e China.

Há ainda belas imagens do Rio que fogem ao clichê, retratos de personalidades da cultura brasileira, como o poeta João Cabral de Melo Neto, o cineasta Glauber Rocha, a escritora Nélida Pinon, o fotógrafo Walter Firmo, e o compositor e escritor Chico Buar-

que; e também belas fotografias de corpos – de pessoas na praia, especialmente Praia Formosa, no seu estado natal, e corpos nus.

O olhar que se desloca para várias direções, que busca o que há de especial em cada assunto, tem razão de ser. Para Antonio Augusto Fontes, o estilo pode ser uma prisão. “Millôr Fernandes tem uma frase sobre ele mesmo de que gosto muito: ‘Enfim, um escritor sem estilo.’ Porque o estilo pode limitar o alcance visual de um fotógrafo. Muitas vezes o fotógrafo fica preso a seu próprio olhar, algo meio narcísico”, diz.

O que o visitante vai ver na exposição é o amplo e generoso espectro de interesses de Antonio Augusto Fontes, que abandonou o curso de Engenharia Mecânica na Universidade Federal da Paraíba depois de se encantar por um ensaio do francês Henri Cartier-Bresson publicado na revista Manchete. “Cartier-Bresson é o culpado por eu ter descoberto minha vocação”, brinca. O jovem dividido entre as aulas com cálculos que o interessavam (“eu gostava da engenharia”, conta), mas às quais ia cada vez menos, e as ruas com suas imagens encantadoras – pelas quais perambulava cada vez mais –, acabou respondendo a um ultimato dado pelo pai: era preciso definir o que faria da vida. Fez a opção pelo ofício de Bresson (“o mais zen dos fotógrafos, é marcante a sua ligação com o tempo, a forma”, diz); do americano Walker Evans (“tem um olhar austero, direto, uma espécie de João Cabral da fotografia”); do francês Eugène Atget (“me revelou a importância do silêncio na imagem”) e ainda do tcheco Josef Koudelka e do suíço-americano Robert Frank (“ambos fotografam com as vísceras, uma força interior muito grande”).

O visitante também verá, na Galeria da Gávea, a reprodução de um pequeno laboratório fotográfico, reforçando a opção de Antonio Augusto pelo analógico em detrimento do digital, plataforma para a qual a quase totalidade dos profissionais da área migrou e que ele rejeita ardentemente, tendo feito do laboratório de sua casa um local “de trabalho, meditação e devoção”. “Sou apaixonado pelo laboratório fotográfico”, explica. “É parte essencial do meu trabalho. É fascinante saber que o fotógrafo tem a possibilidade de captar uma imagem do real num metal nobre como a prata.”

SERVIÇO

ASSIM É SE LHE PARECE

Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432)

Até 28/2/2025, de segunda a sexta (11h às 19h) | Entrada franca